

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS

**CPMF — protecionismo às avessas**

**É** inútil dizer que o "custo Brasil", mais do que qualquer outro fator, está descompassando a balança comercial, tirando competitividade de nossos produtos e serviços.

É inútil dizer que grande parte do aumento das exportações, por operação drawback, em verdade, se retirado o nível de componentes importados, levaria o País a um "déficit" na balança comercial consideravelmente maior.

É inútil dizer que o câmbio defasado, os juros mais elevados no mercado interno e a carga interna cumulativa que incide, em sua maior parte, sobre o produto brasileiro e não sobre o importado, são fatores que estão levando a um tênue crescimento do PIB, absolutamente insuficiente para absorver a mão-de-obra brasileira.

É inútil dizer que a globalização da economia, aceita sem mecanismos de compensação, termina por beneficiar os países mais ricos e com maior tecnologia, sobre os países em desenvolvimento, e a abertura levada a efeito, quando do período do ministro Ciro Gomes, foi absurda, pois reduziu as alíquotas de 13 mil produtos *sem nenhuma contrapartida de outras nações*, levando o País a viver, hoje, problemas com a OMC por conta daquele momento.

É inútil dizer, como foi destacado



**Tributo vai ter impacto sobre déficit, funcionando como estímulo às importações**

pelo diretor-geral da Política Tributária do FMI, Vito Tanzi — há uma lei econômica com seu nome —, que a carga tributária média dos países emergentes é de 20% sobre o PIB e a do Brasil termina por lhe tirar competitividade em face de tais nações, por estar acima de 31%.

É inútil dizer que os sete países mais ricos do mundo se reúnem anualmente para decidir sobre a economia mundial, sem permitir a participação de nenhuma outra nação, formulando as

diretrizes do que é bom ou mau para o mundo, à luz de sua peculiar visão, mas que nos demais organismos de que participam não permitem que seja contestada sua política, defendendo a competitividade internacional que lhes beneficia, apesar de praticarem um protecionismo sofisticado, como as sobretaxas americanas e os controles de qualidade dos japoneses.

É inútil dizer que esses mesmos países praticaram o protecionismo aberto, depois do "Tokyo Round" em 1979 e do segundo choque do petróleo. Com tal espécie de comando da economia mundial formulada pelo Grupo dos Sete, não é difícil perceber que é ele o maior usufrutuário da globalização econômica.

É inútil dizer que os países que compreenderam que a única forma de combater a superioridade tecnológica e de capital das superpotências é a

redução brutal dos seus custos operacionais são aqueles que começam a ganhar mercados, como a China e os tigres asiáticos, a um preço social elevado.

É inútil dizer que o nível de importações a que o Brasil chegou, gerando o maior "déficit" comercial de sua história, é criador de empregos fora do País e de desemprego aqui dentro, pois a comercialização de produto importado tira empregos da indústria nacional, na proporção de quatro para cada um criado.

É inútil dizer que, nesse quadro, o governo brasileiro apenas aumentou o "custo Brasil", elevando, no Plano Real, a carga tributária de 27% para 31%, para sustentar sua máquina administrativa esclerosada e aquela das entidades federativas e tirando competitividade das empresas brasileiras.

É inútil dizer que, cada vez que a carga tributária interna aumenta, mais empregos são criados fora e torna-se maior o desemprego no País, pois mais cresce o "custo Brasil".

É inútil dizer que as reformas tributária e previdenciária apenas objetivam aumentar ainda mais a carga fiscal nacional, o que vale dizer, o peso mastodôntico do Estado sobre a sociedade.

Ora, neste quadro de realidades óbvias — em que os governos federativos, que já bateram recordes de receitas neste ano (mais de US\$ 200 bilhões), retiram competitividade dos produtos brasileiros —, a União lança a CPMF, o mais retrógrado, o mais ilógico, o mais irracional, o mais descompassador tributo, rejeitado em todos os países, cuja adoção virá, mais

uma vez, a beneficiar os produtos importados e prejudicar a indústria nacional. Sendo mais um tributo cumulativo a onerar a produção nacional, funcionará como verdadeiro estímulo à importação.

Qualquer indústria sediada no Brasil, no conjunto das operações que pratica, deverá pagar muitas vezes o tributo cumulativo, enquanto o mesmo produto recebido de fora o pagará tão-somente uma ou duas vezes. Assim, o produto estrangeiro ficará mais barato e o nacional mais caro, com o governo brasileiro gerando empregos no estrangeiro e, perversamente, retirando empregos de brasileiros.

A CPMF é tributo, que produz o "protecionismo às avessas", por excelência, é uma imposição ideal para todos os outros países que exportam para o Brasil e prejudicial para todos os brasileiros.

É inútil dizer tudo isso, porque o governo de tudo isso já sabe, dado que alertado por economistas, juristas, políticos e por toda a sociedade.

Alterou, o governo, célebre ditado, dizendo: "Mateus, primeiro os outros."

Se eu entendesse de operações cardíacas tanto quanto o pai da CPMF, Adib Jatene, entende de tributação, e se, mesmo assim, me dispusesse a realizá-las, todos os meus pacientes morreriam na mesa de operação.

■ Ives Gandra da Silva Martins é professor emérito das Universidades Mackenzie e Paulista e da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

■ Joelmir Beting, que escreve habitualmente nesta página, está em férias